

LEITURAS OBRIGATÓRIAS – INGRESSO 2025

Os contos selecionados foram gentilmente cedidos pelo escritor hamburguense Henrique Schneider e estão também disponíveis no *site* <https://henriqueschneider.com/>.

O VENDEDOR DE PEDRAS

Estou andando sem pressa por certa rua de um bairro distante, quando me deparo com o molequinho parado à frente de uma casa, atrás da pequena mesa sobre a qual dispôs os produtos que, certamente com algum esforço divertido, amalhou e agora vende. O garoto terá os seus cinco, seis anos – e os produtos que vende, na verdade, são pedras. Um pequeno monte de pedras de diversos tamanhos e formatos, cuidadosamente dispostas sobre a mesa que sua mãe ou seu pai instalou, e que foram por ele arrumadas e polidas como se fossem as joias que agora, conscienciosamente, pretende vender.

Uau! Um garoto vendendo pedras – e a cena me remete, de imediato, à minha infância, minha prima e eu vendendo pedras e limões na banquinha improvisada, brigando sempre para ver quem era o chefe. Que bom ainda encontrar, às vezes, crianças vendendo pedras – crianças crianças.

Paro em frente à banquinha, e o pequeno me olha com certa atenção comercial. Examino as pedras sem dizer palavra e percebo que meu silêncio, de alguma forma, o instiga. Olho para ele e ainda não digo nada, cliente compenetrado avaliando o produto. Pego nas mãos duas das pedras, justamente as mais pesadas, e ele me pede que seja cuidadoso – se caírem, podem quebrar.

“Quanto custam as pedras?” – pergunto, sério.

“Cada uma tem um preço.” – ele esclarece, ainda mais sério (eu também dizia isso aos clientes, lembro.)

“Esta aqui.” – e aponto uma delas, a maior. Ele me dá o preço numa moeda imaginária. Achei que seria mais caro e digo isso a ele.

“É que ela não é muito rara.” – e faz uma espécie de muxoxo, gesto de certo desdém com a mão.

“E qual é a mais rara?” – pergunto eu, curioso.

Ele me aponta uma pedrinha pequena e alaranjada, que certamente já foi parte de alguma construção e ainda carrega os laivos de tinta que a diferenciam das demais.

“Esta.” – e complementa, orgulhoso – “Tem poucas assim no mundo todo.”

Dou ao pequeno o olhar de quem está impressionado, e ele sorri. Então lhe pergunto quando custa esta pedra.



LIBERATO

uma escolha, um caminho, um futuro

“Esta eu não vendo, é rara mesmo.” – diz ele. – “Tá aqui só pra eu me exhibir.”

NUM DIA QUENTE

As duas mulheres, Lucilia e Fernanda, se encontram meio ao acaso no hall de entrada do prédio luxuoso, em frente aos elevadores. Fernanda está um pouco suada – fez *jogging* e caminhou ainda há pouco – e bem satisfeita com o par de tênis que comprou, maciez e leveza nas medidas certas, investimento que valera a pena. Lucilia, não: arrumada para o dia, carrega pendurada ao braço uma sacola de boutique fina, sabe-se lá o que há dentro dela.

Elas se cumprimentam com um sorriso além do protocolo, mas um pouco sem jeito; talvez não estivessem preparadas para encontrar-se ali. Lucilia brinca com as cordinhas da sacola e esfrega-as levemente no braço enquanto busca o que dizer. Mas é Fernanda quem quebra este constrangimento quase imperceptível:

“Nossa! Vai fazer um calor, hoje! Olha só para mim, já toda pingando.”

“É, o calor vai ser grande.” – concorda Lucilia – e o fato é que também já sente o corpo um pouco suado.

“Esta roupa já tem que ir pra lavar.” – Fernanda comenta, meio sorrindo, enquanto aponta as marquinhas de suor na blusa colante com que correrá ainda há pouco.

“Ah, tem que ir, mesmo!..” – concorda Lucilia outra vez.

E elas sorriem ambas, satisfeitas com o assunto comum, quando chega o elevador. Dele sai uma senhora, que mora no sexto andar, com um cachorrinho no colo. A mulher cumprimenta Fernanda e se afasta sem olhar para trás.

Fernanda entra no elevador e acena rapidamente para Lucilia:

“A gente se vê daqui a pouquinho.” – e ri, enquanto a porta do ascensor vai se fechando.

Lucília apenas sorri, não tem tempo de responder.

Agora, vai esperar o elevador de serviço.

Para subir até o apartamento de Fernanda.

A PRIMA JULIANA

E, de repente, nos enormes almoços familiares de domingo, ninguém mais dos grandes falava na prima Juliana. Nós, os pequenos, pouco nos dávamos conta, empenhados que estávamos em terminar nossas sobremesas e jogar bola ou brincar de super-heróis no tapete mágico do pátio da casa da avó.

Mas os grandes, sim. Juliana era uma espécie de joia rara da família, para quem – sem que ela pedisse – estavam reservados os melhores futuros e pedaços de lasanha. Inteligente, educada, conversava de igual para igual com as tias e tios, e por seus dezoito anos recém-feitos éramos todos nós, os primos suarentos e desengonçados, inteiramente apaixonados. Juliana era a nossa musa inatingível – porque era nossa prima e porque pouco parecia enxergar a aqueles moleques que fazíamos de tudo para lhe chamar a atenção.

Mas houve o domingo em que Juliana não foi. Na mesa, entre os adultos, um silêncio sem nome, enquanto as cadeiras de todos se afastavam um pouquinho para que não ficasse entre elas o vácuo de quem não estava e a naturalidade artificial fosse de todo quebrada. Olhamo-nos, os pequenos, e um de meus primos chegou a perguntar onde estava a Juliana, mas os grandes todos se limitaram a fingir que não haviam escutado, enquanto se alcançavam as travessas de salada e maionese. Apenas tia Mara, mãe de Juliana, levantou-se rapidamente para ir ao banheiro. Nós, os pequenos, nos olhamos meio atarantados, tristes que estávamos de não ter aquela beleza toda em nossa frente, mas o fato é que nada era mais importante do que o almoço (a sobremesa) e nossa algaravia de crianças, e logo depois já havíamos esquecido aquela ausência.

Na semana seguinte, Juliana também não estava. Perguntamos outra vez, mas os adultos nem tentaram fingir que não tinham escutado. Apenas nos olharam, como se nossa impertinência fosse mais grave do que a ausência da prima, e seguiram comendo em seus comentários leves e risadas sem graça, enquanto tia Mara corria novamente ao banheiro.

Então nos acostumamos à ausência de Juliana – e ao silêncio disfarçado que a acompanhava.

Até porque desde o início sabíamos – e sem que os adultos soubessem que sabíamos –, porque ela mesma nos contara, entre cochichos cúmplices e pedidos de silêncio, que não nos veria mais nos almoços de domingo porque estava apaixonada por um trapezista e fugiria com o circo na próxima semana.



AS FALAS DA MÃE

Vou contar até três. Tem que comer pra ficar forte. Já prá casa! Vai lavar esta boca com sabão. Eu quero este quarto arrumado a-go-ra! Ah, mas hoje o chinelo vai cantar! Levanta já desta cama! Não quero mais ouvir nenhum pio! (Piu!) Espera só o teu pai chegar em casa. De castigo no quarto! E só sai quando eu mandar. Repete pra ti ver. Assopra que passa. Meia-noite em casa, entendeu? Deixa um pouco de chocolate para o teu irmão. Olha que eu vou pegar a varinha! Vem já aqui! Um, um e meio, dois, dois e meio... Lavou atrás das orelhas? Tu vai ver só! Não chora mais. Engole o choro. Guarda estes brinquedos. Não levanta da mesa enquanto não comer tudo. Deixa eu ver como estão as unhas. Porque não e ponto. É só uma picadinha, não vai doer nada. Vê se não pega friagem. Já falei que não é pra deixar o cachorro entrar dentro de casa. Não esquece de levar um blusão. Olha o jeito como tu fala comigo. Meu Deus, que chulé! Quando a gente chegar em casa, nós vamos conversar bem de perto. Deixa o teu irmão brincar também. Eu bem que te disse. Dorme com os anjos. Quero ver se tu tem coragem. Quando casar, sara. Desliga esta TV. Se não comer não ganha sobremesa. Faz o que eu estou mandando. Eu vou falar só uma vez. Tá quentinho? Se eu tiver que levantar daqui, a coisa vai ficar séria. Mais uma colherada. Para dentro, agora! Não quero nem saber. Limpa esta sujeira. Comendo bala de novo? Se for menino vai ser Henrique, se for menina será Helena. Levanta estas roupas do chão. Guarda os tênis no armário. É mertiolate, vai arder só um pouquinho. Tu sabe que eu não durmo enquanto tu não chega. Quando eu falo “agora”, é agora. Só mais cinco minutos, e depois chega. Deixa eu dar uma olhada nesse tema. Bota uma manga. Dá um beijo na tua mãe. Eu te amo, meu filho.

Saudade disso tudo.



A TRAGÉDIA

Dedé revira a memória para todos os lados, mas desde logo sabe que aquela é a maior tragédia que já aconteceu em sua vida. Já perdera um dente caindo de bicicleta, o desalmado pneu de um carro furara a sua bola de futebol novinha, o cachorro de seu irmão lhe roera o *mouse* inteirinho do videogame, o seu melhor amigo mudara de escolinha. Mas dentes nascem novamente, a nova bola de couro já está encomendada para o seu aniversário, amigos existem aos montes, e o xingão que sua mãe dera no irmão mais velho e no cachorro recompensara qualquer prejuízo.

É definitivo: em seus cinco anos de idade, é mesmo a maior tragédia de que tem memória. Dente, bola, videogame, amigo – tudo ficava para trás, eram perdas que se esgotavam em si mesmas, que podiam ser tranquilamente substituídas.

Mas esta, não: é mal que permanece. Mais do que isso: é mal que fica dentro dele e irá crescer. Dedé sabe disso, foi bem avisado.

E isto não é o pior. O pior, Dedé já decidiu, é que terá que suportar sozinho a dor e o sofrimento desta tragédia. Não terá como contar à mãe e ao pai, porque não há mesmo o que fazer contra o que lhe aconteceu e a hora é de poupá-los. À avó também não poderia contar: emotiva do jeito que é, e ainda fraca em seu coração gasto, talvez não aguentasse o peso da má novidade. E o irmão mais velho, este menos ainda: insensível, o mais provável é que risse desta funda desgraça em que mergulhara Dedé.

Então o menino está sozinho em sua dor. Apavorado e sem saber o que fazer, mas já sabendo que está sozinho.

Ontem pela manhã, quando comia uma bergamota, descuidou-se e engoliu duas sementes da fruta. Não se deu conta; quando percebeu, já as havia engolido. Duas sementes de uma vez só.

E agora, ele está fadado a que se cumpra o destino, aquelas histórias terríveis que os mais velhos sempre lhe contaram que acontecem a quem engole as sementes das frutas.

Vai aguentar sozinho este desastre, porque não há mesmo o que fazer.

Mas quando os galhos da bergamoteira começarem a sair por suas orelhas, aí talvez tenha que contar para a mãe.



QUERER CRER

O mano e os primos tinham dito a Artur que era o tio Biteco quem, enfiado em trajes vermelhos e botas escuras que não combinavam com os calores de dezembro, fazia a distribuição dos presentes na noite do Natal. Que reparasse: o tio não estaria ali naquela hora. Mas nem os manos nem os primos sabiam de nada: com a autoridade de seus quatro anos completados há tempo, Artur perguntou ao Biteco onde ele estava na hora em que os presentes tinham sido entregues, e o tio respondeu que tinha ido até em casa porque lembrara que havia deixado a televisão ligada. E se o tio tinha ido até em casa, claro que não poderia ser ele a distribuir os presentes.

Os primos e o mano eram mesmo uns bobalhões. Gastavam o tempo de suas vidas tentando atormentar Artur, só porque ele era o menor. Quando crescesse, eles iam ver, pensava Artur – o fato de os outros também crescerem era detalhe de pouca importância.

A mãe havia contado que o Papai Noel desce pela lareira. Quando Artur perguntou como é que ele conseguia – um velhinho meio gordo, com roupas pesadas e carregando um saco enorme de presentes às costas –, a mãe apenas lhe respondera, sorriso carinhoso e apressado, que o Papai Noel consegue tudo. Simples assim. E o tio Biteco, atrapalhado como é, nunca que ia conseguir descer pela lareira da casa, pensou Artur.

Hoje, quando a sala já está de volta aos seus dias normais, o menino estuda a lareira com a atenção séria da infância, buscando a prova de que Papai Noel existe mesmo. Se ele desceu por aqui, deve ter deixado algum vestígio – um fio de roupa vermelha, qualquer fita de embrulho, quem sabe um presente esquecido? Ou até um cocozinho de rena, ri-se Artur, deliciado da bobagem.

O pequeno examina a lareira meticulosamente, sabendo que a mãe mais tarde certamente irá xingá-lo por causa da sujeira – mas a causa vale o sacrifício. Busca as paredes internas, o chão de tijolos refratários, o montinho de achas de lenha que está sempre por ali, as ferramentas com que o pai cria e aviva o fogo nos invernos, na certeza de que encontrará daí a pouco a prova que exhibirá, triunfante, aos olhos derrotados do irmão e dos primos maiores.

E então encontra o que desejava.

São dois ou três pequenos fios, montinho poeirento que, a bem da verdade, se parece mais com os pelos do gato que dorme por ali quando a lareira está menos suja. Os fios são acinzentados – mesma cor dos pelos do gato.

Mas também é a cor da barba do Papai Noel depois de descer pela lareira, decide Artur. Esfregando-se em todas as lareiras e chaminés de Natal que existem no mundo, é certo que a cabeleira do velhinho ficará acinzentada. É óbvio, pensa Artur. Igual ao pelo do gato – mas ainda assim, barba do Papai Noel.



LIBERATO

uma escolha, um caminho, um futuro

E os fios da barba estão agora ali, nas mãos orgulhosas de Artur.

Papai Noel existe mesmo, sorri ele.

É só querer acreditar.